

EXTRA VAGANZA

A apreensão retórica de uma específica estranheza

Na crónica Empório Celestial de Conhecimento Benevolente, Jorge Luis Borges escrevia sobre “uma certa enciclopédia chinesa” na qual catalogava de maneira aleatória e subjectiva espécies e formas distintas. Cada uma dessas formas podia assumir um significado ou um conteúdo criado *ad hoc* para a situação que valia, basicamente, para todas as coisas do universo consoante o grau de interesse e de imaginação dos leitores. Esta aparente desordem ou não catalogação rigorosa tornava possível a coexistência de um grande número de realidades e encontrava um espaço capaz de acolher objectos e ideias.

Por um exercício de comparação e analogia — *conditio sine qua non* de todo tipo de produção intelectual —, a “tal” enciclopédia chinesa pareceu-me ser a mais adequada para explanar as ideias que subjazem e se materializam na exposição *Extravaganza*.

Uma certa estranheza presente nas obras, a obsessão pelo obscuro e o *nonsense*, a recusa de regras lógicas, vários etcéteras (como diria Borges), as abstracções, o gosto pelo absurdo, o caos, a incongruência e todo tipo de paradoxos, encontram-se reunidas de forma irreverente e descontínua numa montagem expositiva artificiosa, ambígua e redundante e com muitas paredes brancas.

Um sentimento de surpresa levemente anunciado envolve a exposição: as obras não pertencem a um mesmo género ou a uma determinada área geográfica, nem ao mesmo período histórico. Os artistas são por vezes anónimos, pouco conhecidos ou trabalham sob pseudónimos. Quase analfabetos, sem formação artística ou literária são, no entanto, capazes de trazer uma grande emoção espiritual e criativa através de desenhos e retratos de cenários nunca vistos, fisionomias de difícil catalogação, a repetição obsessiva à mistura com a auto ficção e quiçá, a promessa de outra identidade.

E aqui entra o factor biográfico dos artistas que ajuda a contextualizar e a perceber melhor — caso alguém ache necessário — as obras: todos eles, em maior ou menor medida, tiveram vidas complexas, perdas irremediáveis, acidentes, passaram por carências e privações, foram perseguidos e postos de lado, tiveram experiências multidimensionais e extraterrestres.

Através da criatividade liberta da razão é possível que tenham encontrado as chaves de acesso ao além e porventura, que tenham tido a possibilidade de criar outros vínculos com o corpo e com a mente. Todas estas suposições são possíveis, pelo menos, agrada-me pensar isso.

No entanto, o que se privilegia em *Extravaganza* é a *pars destruens* da colecção Treger / Saint Silvestre, ou seja, a análise da relação entre a ideia de beleza e a harmonia que é feita mediante um conjunto de obras cujo denominador comum é uma dinâmica especulativa não linear; uma situação inconstante ou rapidamente mutável, fora do comum, bizarra. Um *extravagar* que à ratio e às normas substitui a intuição e o visionário, que conjuga genialidade e folia, demência e insanidade com situações contraditórias e anómalas.

Antonia Gaeta

EXTRA VAGANZA

The rhetorical apprehension of a specific strangeness

In the chronicle *Celestial Emporium of Benevolent Knowledge*, Jorge Luis Borges wrote about “a certain Chinese encyclopaedia” in which he catalogued species and different shapes in a random and subjective way. Every one of those shapes could assume a meaning or a substance created *ad hoc* for the situation that could basically be used for all things in the universe according to the level of interest and imagination of the readers. This apparent disorder or non-rigorous cataloguing made the coexistence of a great number of realities possible and found a place capable of welcoming objects and ideas.

In a simple exercise of comparison and analogy - *conditio sine qua non* for all sorts of intellectual production -, “that” Chinese encyclopaedia seemed to be the most suitable in order to explain the ideas that underlie and materialise in the exhibition *Extravaganza*.

A certain strangeness that is present in the artworks, the obsession with the obscene and nonsense, the refusal of logical rules, several etcetera (as Borges would say), the abstractions, the taste for the absurd, the chaos, the incongruence and all kinds of paradox, are assembled in an irreverent and discontinuous fashion, in an ingenious, ambiguous and redundant exhibition design, with several white walls.

A softly announced feeling of surprise surrounds the exhibition: the artworks don't belong to the same genre or a specific geographical area, or even the same historical period. The artists are sometimes anonymous, unknown or working under pseudonyms. Almost illiterate, without artistic or literary training, they are, however, capable of bringing a great spiritual and creative emotion through drawings and portraits of never seen before landscapes, hard to catalogue physiognomies, the obsessive repetition mixed with autofiction and possibly the promise of another identity.

And here the artist's biography helps contextualise and better understand – in case some find it necessary – the artworks: all of them, to a greater or lesser extent, had complex lives, irreparable losses, accidents, went through deprivations, were persecuted and cast aside, had multidimensional and extra-terrestrial experiences.

Through a creativity that is free from reason it is possible that they have found the access keys to the beyond and, perhaps, had the possibility to create other connections with body and mind. All these suppositions are possible, at least I like to think that.

However, what is favoured in *Extravaganza* is the *pars destruens* of the Treger/Saint Silvestre collection, in other words, the analysis of the relation between the idea of beauty and harmony that is done through a set of artworks whose common denominator is a non-linear speculative dynamic; an erratic or rapidly changing situation, unusual, bizarre. An *extravagating* that replaces ratio and norms with intuition and the visionary, that combines brilliance and revelry, dementia and insanity with contradictory and anomalous situations.

Antonia Gaeta